

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

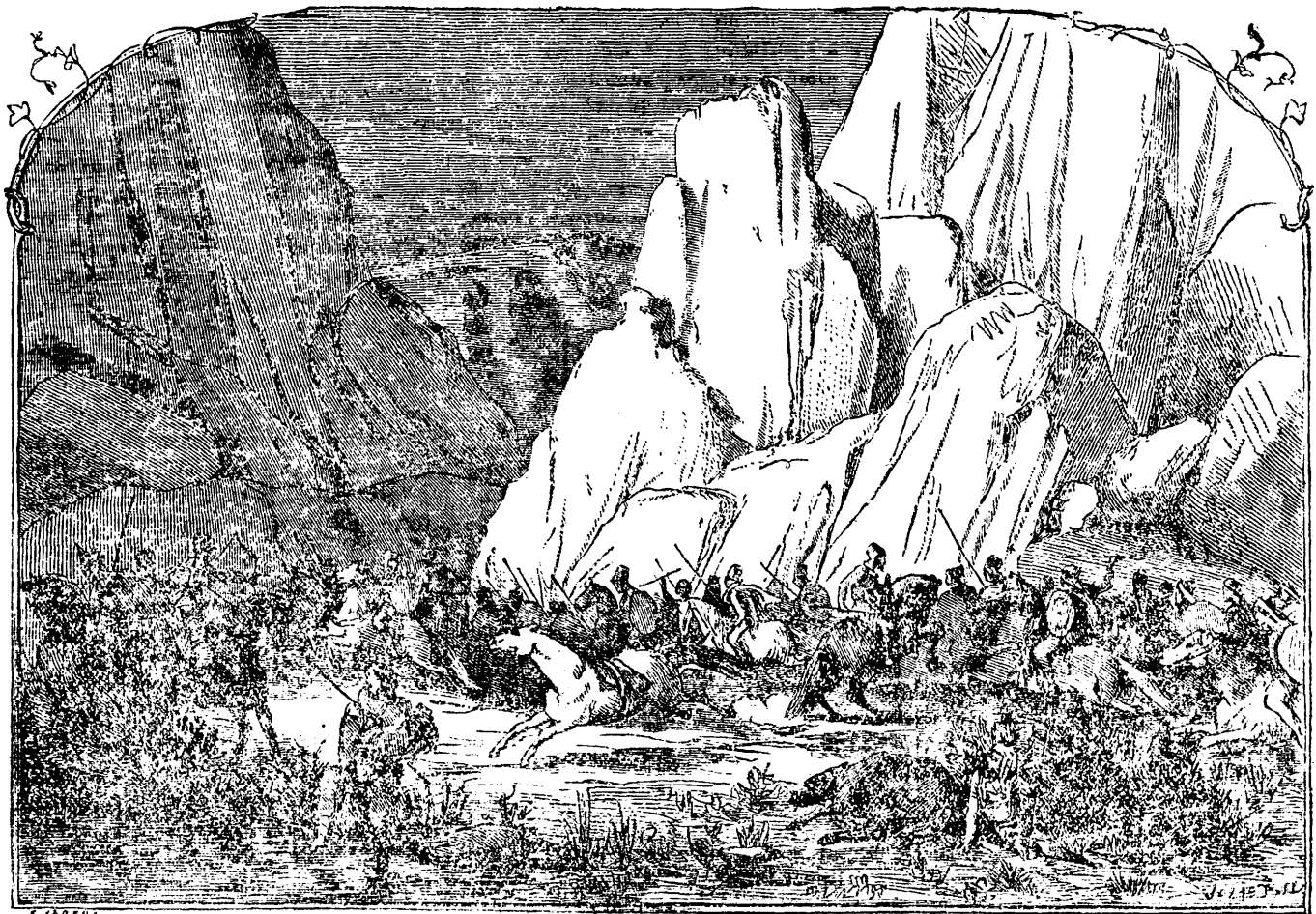
RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — *Constituição Apostolica sobre o restabelecimento da unidade dos Frades Menores*—SECÇÃO CRITICA: *Lowdes em presença*, pelo ex.^{mo} snr. A. S. F.;—*Voltarão os Frades!* por Um catholico;—*A visita aos templos catholicos*, pelo ex.^{mo} snr. S. M.—SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jssus*, pelo rev.^{mo} snr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO LITTERARIA: *Milicia Christã* (2.^a part.) pelo rev.^{mo} snr. dr. José Rdrigues Cosgaya;—*A imprensa catholica*, pelo rev.^{mo} snr. Padre Mendes Rosa;—*Aspirações de crente*, pelo ex.^{mo} snr. Rangel de Quadros. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Derrota de Demetrio*;— *S. Simão e S. Judas Thadeu*.—SECÇÃO NECROLOGICA. —RETROSPECTO.

Gravuras: *Derrota de Demetrio*;— *S. Simão e S. Judas Thadeu*.



DERROTA DE DEMETRIO

Constituição Apostolica

Sobre o restabelecimento da unidade dos Frades Menores

LEÃO BISPO

Servo dos servos de Deus, para perpetua memoria

Por um favor especial e não por effeito do acaso, como cremos, Nos foi outrora assignalada, entre todas as provincias da Italia, essa Umbria que foi a mãe e a alimentadora de Francisco d'Assis, para n'ella exercermos o episcopado. A Nossa residencia n'esse paiz Nos fez tomar o costume de meditar com amor a vida do Padre seraphico. Em volta de Nós viamos numerosas recordações da sua vida e por assim dizer as suas pegadas impressas no solo, recordando-nos não só a sua memoria, mas ainda pondo-o a elle mesmo em certo modo á nossa vista. Duas vezes subimos ao cimo do Alverne. Tendo assim em torno de Nós o paiz onde Francisco abriu os olhos á luz, onde a sua alma foi liberta dos laços corporaes, d'onde graças a elle tantos bens, tantos fructos de salvação promanaram para o mundo, do Oriente ao Occidente, podemos seguramente melhor conhecer o que foi esse homem, e a grandeza da missão que lhe foi assignada por Deus. Extremamente Nos seduziu a ideia e a forma das instituições franciscanas; e vendo que a sua virtude intima era muito poderosa para assegurar a vida christã, e que essa virtude não era de natureza a envelhecer ou a tornar-se enervante, no tempo do Nosso episcopado em Perugia, com o fim d'augmentar a piedade e conservar entre o povo a pureza dos costumes, dedicamos todos os Nossos cuidados á restauração e propagação da Ordem Terceira, da qual somos membro ha já vinte e cinco annos.

Chegando ao fastigio da hierarchia apostolica, trouxemos o mesmo espirito, as mesmas disposições. Por estes motivos, desejando que a Ordem Terceira florescesse não só n'uma região, mas em toda a terra, com a esperança de que em toda ella produzisse os beneficios que está espalhando ha seculos, suavizamos-lhe as regras na medida que nos pareceu necessario. Quizemos que esta disciplina assim abrandada e posta mais em conformidade com as necessidades do nosso tempo, attrahisse e seduzisse todos os christãos. Os resultados obtidos realisaram Nossos desejos e Nossas esperanças.

Mas o Nosso particular amor para com o illustre Francisco e suas instituições pedia mais alguma cousa, que, inspirado por Deus, resolvemos fazer. Agora o Nosso interesse e o Nosso zelo voltam-se para a primeira Ordem

franciscana, e difficil seria encontrar materia que mais merecesse Nossos affectuosos e vigilantes cuidados, a Nossa paternal solicitude. E' celebre effectivamente e bem digna da benevolencia da Sé apostolica, essa familia a que se deu o nome de Frades Menores, numerosa e duradoura posteridade do Bemaventurado Francisco. Seu pae lhe ordenou que observasse religiosissimamente na consecução dos seculos todas as leis, todas as regras de vida que lhe déra, e não foi baldada esta ordem. Raro existirá associação, effectivamente, que haja dado á virtude tantos rigidos guardiões, á fé christã tantos arautos, a Christo tantos martyres, ao ceu tantos cidadãos; raro se encontrará associação no seio da qual se contem tantos homens que hajam illustrado e feito progredir a Igreja e a propria sociedade civil, cultivando essas artes que dão áquelles que n'ellas se avantajam superioridade sobre todos os que os rodeiam.

E' certo que esta abundancia de felizes resultados teria sido maior ainda e mais constante, se o laço d'união e concordia sempre houvesse permanecido apertado, e como era na primeira idade da Ordem. De facto, «quanto mais unida é a virtude, mais forte é, e enfraquece pela separação» (S. Thom., 2, 2ae, quaest. XXXVII, a. 2. ad 3 m.)

Era o que Francisco havia comprehendido clarissimamente e sapientissimamente previsto, quando estabeleceu a sociedade de seus discipulos e a constituiu como um só corpo, unindo o por laços indissolueis. Que quiz elle realmente e que fez quando propôz um regulamento de vida que todos deviam observar, quaesquer que fossem os tempos e os logares, quando ordenou que todos os seus religiosos seriam submissos e obedeceriam a um só chefe supremo? Certamente a sua preocupação principal e constante era manter a concordia, e isto o confirma claramente o seu discipulo, Thomas de Celano: «O seu desejo perpetuo, diz este, o seu cuidado incessante foi manter entre os Frades o laço da paz, de sorte que aquelles que o mesmo espirito havia attrahido, aquelles que o mesmo pae gerara, fossem docemente acalentados no seio d'uma mesma mãe.» (Vita secunda, P. III, c. CXXI.)

Mas são assaz conhecidos os acontecimentos que se seguiram. Ou porque as intuições dos homens são inconstantes, e em uma associação que conta muitos membros os caracteres são d'ordinario muito differentes, ou porque pouco a pouco, no decurso dos tempos, as condições se modificam, succedeu que, entre os Franciscanos, uns preferiram um certo genero de vi-

da, outros outro. Essa união plena de concordia que Francisco tinha tido em vista e da qual quizera fazer para os seus um dever sagrado, era mantida principalmente por duas causas: o culto da pobreza voluntaria, e a imitação dos exemplos do Santo no exercicio das outras virtudes. Eram os caracteres distinctivos do instituto franciscano e os fundamentos da sua perpetuidade.

No que respeita a essa pobreza absoluta que foi durante toda a vida d'este santissimo homem o seu unico amor, alguns de seus discipulos desejavam conformar-se absolutamente com elle: alguns outros porém, a quem este regimen pareceu um pouco duro, tiveram por melhor introduzir lhe ligeiras modificações. Assim houve um apartamento que deu nascimento por um lado aos *Observantinos*, por outro aos *Conventuales*. Do mesmo modo uns quizeram praticar com volente rigidez a innocencia perfeita e as altas e magnificas virtudes a que Francisco dera maravilhoso esplendor; outros preferiram imital-o d'um modo mais suave. Entre os primeiros se formou a familia dos Frades Capuchinhos, e isto foi origem d'uma divisão em tres grupos. Esta circumstancia não esgotou a Ordem, e ninguem ignora que os religiosos de cada uma das categorias que acabamos d'enumerar brilharam na Igreja por meritos eminentes e pelo renome de suas virtudes.

Pelo que toca á Ordem dos Conventuales, assim como aos Capuchinhos, nada absolutamente decretamos de novo. Uns e outros deverão conservar como está, agora e no futuro, a regra que seguem. Esta Carta só diz respeito áquelles que, com o consentimento da Sé apostolica, sobrepujam os outros pelo logar que occupam, pelas honras que merecem, e que mais especialmente usam o nome de *Frades Menores*, que lhes deu Leão X. (Const. *Ite et vos*, 1 de junho de 1517.)

Tambem os membros d'esta Ordem observam uma regra que não é para todos a mesma em certos pontos. Seguem certamente as prescripções das leis communs, mas uns mais rigorosamente, outros menos. Esta differença gerou, como é sabido, quatro ramos: os *Observantinos*, os *Reformados*, os *Descalços* ou *Alcantarinos* e os *Recolletos*; e comtudo não foi completamente destruida a unidade. De facto, comquanto por seus privilegios, estatutos e usos, cada ramo diffira dos outros, tendo cada qual seus noviciados particulares, não obstante, querendo todos manter o principio da primitiva união, continuaram a obedecer a um só e mesmo chefe a quem chamam, como convém, *ministro geral de toda a Or-*

dem dos Menores. (Leão X, Const. cit. *Ite et vos*)

Em todo o caso, esta divisão em quatro ramos, se desmentiu a esperança dos grandes bens que a união perfeita houvera proporcionado, pelo menos não aboliu a disciplina. Mais ainda; como cada um d'estes ramos teve como fundadores e membros homens cheios d'ardôr pela salvação das almas, de sabedoria e d'eminente virtude, estes diversos ramos mostraram-se dignos da benevolencia e dos favores dos Pontífices romanos.

Devendo á sua origem a força e a fecundidade, hão sido potentes para produzir fructos de salvação e fazer reviver os antigos exemplos dos Franciscanos. Mas encontra-se entre as instituições humanas uma unica que um dia se não veja enfraquecida pela idade?

Certamente a experiencia nos ensina que a pratica da virtude perfeita, que na origem e na juventude das ordens religiosas é tão rigorosa, afrouxa pouco a pouco, e a maior parte das vezes o primitivo ardor desaparece. A's causas de decrepitude e desunião que os annos trazem naturalmente ao seio de todas as associações, accresce agora uma força destructiva exterior. Referimo-nos ás tempestades que assaltam e ha mais d'um seculo experimentam a Igreja, e que naturalmente vem d'encontro ás suas tropas auxiliares, isto é, as Ordens religiosas.

Ha na Europa alguma região que não tenha visto os membros d'essas associações esbulhados, perseguidos, axilados, tratados como inimigos? Se ellas não foram completamente destruidas, é isto um notabilissimo prodigio que não pode ser attribuido senão á graça divina. Mas estas causas reunidas fizeram ás Ordens religiosas um consideravel damno: fatalmente a união afrouxou e a disciplina enfraqueceu, como enfraquece a vida n'um corpo doente.

D'ahi vem a necessidade de uma restauração. Certamente não teem faltado homens nas diversas Ordens que hão querido curar estas feridas, e que por sua propria inspiração, com louvavel zelo, se teem esforçado em restabelecer essas Ordens no seu estado primitivo. Mas os Menores, ainda que muito seja o ardor de seus desejos, difficilmente poderão, ou antes impossivel lhes será attingir este fim, porque entre seus membros se deplora a ausencia d'um accordo completo.

Em realidade, o prefeito da Ordem não tem sobre todas essas familias religiosas um poder completo e absoluto; certas regras especiaes permitem repudiar seus actos e suas ordens, e este estado de cousas dá evidentemente um

pretexto para a resistencia áquelles que não quizerem submeter-se.

De mais, as diversas associações, embora reunidas n'uma só ordem e constituindo em certo modo um todo, occupam contudo provincias particulares, teem residencias e noviciados differentes. Resulta d'aqui que cada ramo obra segundo se is proprios interesses, fazendo-os prevalecer aos da corporação inteira, não obstante esta situação constituir um obstaculo para os grandes interesses communs. Em fim, desnecessario é recordar as controversias e os desacordos que hão originado frequentemente a variedade dos grupos, a diversidade dos estudos, dos trabalhos. Deixando subsistir as mesmas causas, podem ellas renovar diariamente as mesmas difficuldades. Que haverá de mais funesto que a discordia? Desde que ella entra n'uma instituição, ahi destroe as fontes da vida e leva á ruina ainda as mais florescentes associações.

E' pois necessario fortificar e consolidar a ordem dos Frades Menores, obviando á dispersão de suas forças. Esta necessidade tanto mais se faz sentir quanto a corrente do seculo é em favor dos caracteres e dos costumes populares; e não se deve esperar pouco d'uma associação d'homens religiosos, popular na sua origem, no seu proceder e nas suas instituições. Effectivamente, os homens considerados como populares podem muito mais facilmente dar-se e applicar-se, pela sua actividade e trabalho, á salvação das massas populares. Ora Nós sabemos que os Frades Menores aproveitarão certamente com ardor e efficacia esta occasião que se lhes offerece de prestarem os maiores serviços, se as circumstancias, como convém, os encontrarem fortes, bem organizados, bem dispostos.

Emquanto dedicavamos a esta materia as Nossas mais sérias meditações, pensavamos ao mesmo tempo nos Nossos antecessores, que costumavam, sempre que era necessario, e d'um modo adaptado ás circumstancias, vir em auxilio da comunidade dos discipulos de S. Francisco assegurando-lhe a existencia, ou desenvolvendo a sua prosperidade. As mesmas intenções se encontram em Nós acompanhadas da mesma benevolencia e do mesmo zelo. Não é só a consciencia do Nosso ministerio que a isto Nos convida, mas ainda as causas acima enunciadadas. Ora a epocha em que vivemos parece-nos reclamar absolutamente que a Ordem volte á sua primeira unidade, á sua primeira união organica. D'este modo, afastando toda a causa de dissidencia e de discussão, todas as vontades se ligarão entre si pela auctoridade e direcção

d'um só chefe, e por consequencia a Ordem retomará a forma constitutiva que o seu fundador e legislador tinha em vista.

Dois pontos nos prenderam a attenção, dignos em verdade de consideração, mas que aliás não podem ser assaz graves para, de qualquer modo, pôr obstaculos ao Nosso designio, a saber: a necessidade d'abolir os privilegios de certas collectividades e a de submeter uniformemente todos os Frades Menores de que se trata, estejam onde estiverem, ás regras d'uma só disciplina. Sem duvida estes privilegios foram convenientes e fecundos, na epocha em que foram solicitados, mas tendo mudado os tempos, estão agora tão longe de servir d'auxilio para a observancia da regra, que antes parecem embaraçal-a. Do mesmo modo, impôr uma regra unica a todas as comunidades teria sido medida incommoda e intempestiva, emquanto as differentes associações de Frades Menores estivessem separadas por considerabilissimas differenças de disciplina interior; mas essas differenças hoje são quasi insensíveis.

Ainda assim, lembrando-nos das tradições e usos de Nossos predecessores e attenta a especial importancia da materia, pedimos a luz do conselho e a prudencia do julgamento áquelles principalmente que estavam em condições de julgar da questão com competencia. Em primeiro lugar, quando em 1895 os representantes de toda a Ordem dos Frades Menores se reuniram em congresso em Assis—congresso a que presidiu, delegado por Nós, o Cardeal da Santa Igreja Romana Egidio Mauri, de feliz memoria—ordenamos que cada representante fosse interrogado no congresso e desse o seu parecer sobre a ideia de reunir em uma só todas as familias de S. Francisco. A maioria pronunciou-se pela união. Alguns membros d'este congresso, pelo mesmo congresso escolhidos, occuparam-se mesmo de redigir uma constituição que, se a Sé apostolica sancionasse a fusão, devia ser commum a todos. Além d'isto, os Cardeaes da santa Igreja romana pertencentes á Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, que juntamente com os Cardeaes da Sagrada Congregação da Propagação da Fé Nos haviam vivamente aprovado no decurso de todas estas negociações, examinaram com muita attenção as actas do congresso d'Assis e todos os argumentos allegados. Revendo e corrigindo, como lhes pareceu conveniente, a regra recentemente elaborada, declararam reclamar, por sua propria conta, que a Ordem, desembaraçada de toda a distincção de familias, fosse reconstituída regularmente na unidade. Reconhecemos pois,

sem nenhuma duvida, que esta reunião era cousa expediente e util, e que concordava tanto com o intuito do seu santissimo fundador como com a vontade divina.

Por tanto, por Nossa auctoridade apostolica, e por meio d'esta carta, declaramos a Ordem dos Frades Menores, até agora dividida em diversas associações, reconduzida á unidade e á plena e perfeita comunidade de vida, e não constituindo senão um unico corpo, sem nenhuma distincção de familias.

I.—Os nomes d'Observantines, Reformados, Descalços, Frades d'Alicantara, Recolectos, deixam d'existir. A Ordem será chamada Ordem dos Frades Menores, sem outros qualificativos, segundo a instituição de seu Pae S. Francisco. Será dirigida por um só geral. Obedecerá á mesma regra. Será regida pela mesma administração, conformemente com as recentes instituições que deverão ser observadas em todos os logares com a maior constancia e fidelidade.

II.—Todos os estatutos, privilegios ou direitos especiaes de que as comunidades particulares usavam e fruiam individualmente, e n'uma palavra todas as particularidades tendentes á produzir, de qualquer modo, uma differença ou uma distincção entre essas comunidades, ficam abolidos, salvos os direitos e privilegios relativos a terceiras pessoas. Estes ultimos, como a justiça e a equidade pedem, são confirmados e ractificados.

III.—Todos os religiosos da Ordem terão o mesmo vestuario e o mesmo aspecto exterior.

IV.—Para o governo de toda a Ordem não haverá senão um ministro geral, um só procurador, um só secretario e um só curador das honras a prestar aos santos.

V.—Todos os que desde agora tomarem regularmente o habito dos Frades Menores, todos os que pronunciarem seus votos solemnes, ficam por isso mesmo submettidos ás novas constituições e a todos os deveres que d'ellas derivam. Se algum recusar submeter-se a estas constituições, prohibido lhe é usar o habito religioso, fazer sua profissão religiosa e pronunciar os votos.

VI.—Se alguma provincia se não submeter a estes preceitos e regras, renhum noviciado poderá n'ella ser estabelecido e ninguem n'ella fará a sua profissão religiosa.

VII.—Será permittido, em cada provincia, consagrar especialmente uma ou duas casas aos religiosos que quizerem adquirir mais alta perfeição e entregar-se á vida chamada contemplativa. As casas d'este genero deverão ser regidas regularmente pelas novas constituições.

VIII.—Se alguns religiosos, depois de pronunciarem seus votos solemnes, recusarem por justos motivos accoitar a disciplina instituida por esta Carta, poderão, com annuencia e segundo as instrucções do seu Bispo, retirar-se para determinadas casas da sua Ordem.

IX.—O direito de alterar os limites das provincias, ou de diminuir o numero d'estas, se a necessidade o exigir, pertencerá ao ministro geral conjunctamente com os definidores geraes, depois todavia de se haver pedido a opinião dos definidores das provincias de que se trate.

X.—Quando o ministro geral e os outros religiosos commissiõnados até agora na administração de toda a ordem se houverem todos demittido dos seus cargos, queremos Nós n'este caso que a nomeação do novo ministro geral dependa da Nossa auctoridade. Os definidores geraes e todos aquelles que exercem os cargos essenciaes, ordinariamente designados pela grande assembleia da Ordem, serão designados no caso presente pela Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, depois de previamente se haver pedido a opinião d'aquelles que actualmente exercem as funcções de definidores geraes. Entretanto, o ministro geral e os definidores geraes continuarão, cada um em seu logar, a exercer provisoriamente o seu cargo.

O Nosso coração rejubila de que a Nossa piedade e antiga devoção para com o bemaventurado Francisco podessem, graças á Providencia, encarnar se n'um monumento duradouro; e rendemos á bondade divina especiaes acções de graças, por ter querido reservar para o termo da Nossa velhice esta consolação á intensidade de Nossos desejos. Com plena esperanza exhortamos e convidamos todos os Frades Menores a mostrarem se fieis aos exemplos do seu grande fundador e a tirarem d'estas mesmas medidas, que Nós decretamos para bem commum, incitamento ao ardor do seu zelo e ao seu amor da virtude. Caminhem dignamente nas vias da vocação a que foram chamados, com toda a humildade, mansidão e paciencia, supportando-se uns aos outros com caridade, solícitos em conservarem a unidade d'espírito no laço da paz. (*Ephes. IV, 13.*)

Decretamos que esta Carta, com tudo que ella contém, não possa em tempo algum ser infirmada ou criticada por causa de suppressão ou d'interpolação, ou por falta d'intenção da Nossa parte, ou por qualquer outra falta que seja; mas que é e será sempre valida em toda a sua força e deverá ser inviolavelmente observada por toda a pessoa, de qualquer dignidade ou preeminencia que seja, na theoria

e na pratica. Declaramos vão e nullo tudo quanto lhe possa ser accrescentado para a invalidar, sciente ou inconscientemente, por quem quer que seja, em virtude seja de que auctoridade ou pretexto fôr;—não obstante todas as disposições contrarias, mesmo as que fossem dignas de menção especial; disposições ás quaes, pela plenitude do Nosso poder, de sciencia certa e por Nosso proprio impulso, tanto quanto é indicado pelo que precede, derogamos e declaramos derogadas.

Queremos que os exemplares, mesmo impressos, d'esta Carta, quando assignados pelo punho do Nosso notario e sellados com o Nosso sello por pessoa constituida em auctoridade ecclesiastica fiquem fé da Nossa vontade como se presente fosse a propria Carta.

Ninguem ouse pois infringir esta pagina da Nossa Constituição, sobre algum ponto de regulamento, d'união, de limitação, de derogação, nem em cousa alguma do que exprime a Nossa vontade, e ninguem tenha a temeridade d'isto contrariar. — Se alguém se permittir infringir-o, saiba que incorre na indignação do Deus todo poderoso e dos bemaventurados apóstolos Pedro e Paulo.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, no quarto dia das Nonas d'outubro, do anno da Encarnação do Senhor de mil oito centos noventa e sete, vigesimo do Nosso Pontificado.

C. Card. Aloisi-Masella, Pro-Datarius.

A. Card. Macchi
Visa

De Curia I. De Aquila e vicecomitibus

Loco † Pbumbi.

Reg. in Secret. Brevium

S. Cugnonius.

SECÇÃO CRITICA

Lourdes em presença

NA GRUTA

4.^a Visita

LEMBRAE-VOS de mim, ó meu Deus, compadecei-Vos de mim. Ama, ó meu coração, ama Deus e teu irmão, ama. Oh! meu Deus, oh! meu Jesus, dae-me Vossa estimavel graça pela Vossa util e amavel cruz. Sim. A cruz do meu Senhor está commigo. O' cruz da minha pobre alma, sêde a minha salvação. E, salve! ó cruz do meu coração, sêde a minha salvaguarda. Livrae-me, ó Jesus, ó Maria, das tentações do ini-

migo maligno, dos pensamentos maus, distrações impertinentes, escrúpulos, tristezas, precipitações e occasiões proximas de peccar...

Pelas necessidades espirituas e temporaes da Igreja, do nosso reino e de todos nós habitantes de minhas duas freguezias; extirpação das heresias e scismas; augmento da fé, paz e triumpho da santa Igreja, saude, conservação e prosperidade do nosso Pontifice Leão XIII; do nosso Prelado, Bispo do Funchal e suas dioceses de um e outro, dr. Padre Meirelles, Padre José Ricardo, Bello de Carvalho, dos Padres Francisco Grainha e Joaquim Contente, fallecidos; Padres Antonio Moreira Gomes, vigario de Camara de Lobos, arcepreste da Pesqueira, minhas irmãs Maria e Anna, meu primo com mulher e filho, filho d'Albino boticario, Monteiros, de Granjinha, este, aquelle, fallecidos; reitor d'Arcos, Padre Aurelio Agostinho, mulhõres encomenda das a minhas orações, e por todos os meus superiores, parentes, amigos, inimigos e bemfeitores, vivos e fallecidos.

Livrae-me tambem da soberba, arrogancia, orgulho, vaidade, ambição, cubiça e avareza: da luxuria contra a minha castidade do corpo e da alma; hypocrisia, de gostar de agradar mais ás pessoas que a Deus, de vêr e ser visto, palpar, ouvir, cheirar; da ira contra minha paciencia, do mau coração, mau humor, vingança, má dedicação, do mau amor, da gula contra temperança, da inveja contra minha caridade, ou esmola de rogar a Deus por vivos e defunctos, ensinar os ignorantes, consolar os tristes, — emendar meus erros, pelo menos, perdoar as injurias e soffrer com paciencia fraquezas humanas e frivolidades; e da preguiça de trabalhar e servir a Deus, amar e santificar Deus, conhecer bem o meu nada, fazer-me santo e abençoado só por Deus, *mas que não traga dia grande nem pequeno de jejum*, ambição especialmente o logar de refrigeração, luz e paz, tudo por Jesus Christo, como Christo e com Sua união. Somos peccadores, e por natureza peccantes: sêde-me, ó bom Deus, propicio. Ai! de mim. Sou padre ha 29 annos! E que tenho eu feito de meritorio e digno?! Perdão! O nosso bom Deus tem-me dado saude. *Gratias*. Sim. O individualismo é bom; mas o socialismo tambem não é de todo mau. Sim, é muito bom que um padre trabalhe, mas não parece razoavel que uns parochianos se revoltem contra seu parochio e se desannexem, por este não fazer mais do que pôde. A sequencia é não serem ainda freguezia e armarem os meios de o padre se desgostar, desmoralisarem-se todos e nada edificarem.

Com 22\$230 réis de congrua paro-

chial em cada um anno, ha 29 annos com intermitentes, e sem fallar nos deveres parochiaes e civis, mas nada moralizando e nada edificando, está contra o espirito, cada vez mais, o mundo, e o demonio, e a carne. Educações faceis é o que mais se vê. Quatro milhões d'alphabetos em Portugal é uma grande maioria! Se uma tal maioria está bem contra um milhão que bem sabe, estamos nós perdidos!... e com elles. Oh! que bellos professores que nós temos em Portugal; a culpa não é d'elles. Em fim, um sr. padre, hoje, ainda o mais respeitavel, é um *papão*, e nada mais para muita gente. Desgraçados tempos! Foi assim que os frades lá foram supprimidos no termo da minha freguezia ou freguezias; vieram beneditinos de Guimarães, como diz a chronica: eram sacas de carvão, formigões, etc.; vieram bernardos...; como deram cabo de todos, ficamos sem *fratres*, irmãos! Maus irmãos e maus paes, isto é, *patres* é o que nós cá temos, dizem os *livres*. Padres tres por nove ruas, dizem por lá; mas não querem morrer sem padre nem tampouco ser enterrados sem o padre! como ainda muitos dizem. Ouvindo eu dizer ao professor aposentado na minha freguezia: Excelente soberano haveria de ser Leão XIII, se acaso não fôra Papa! isto é, padre, fico horrorizado. Não se pôde ser Papa e bom estadista!! Quem não tem defeito algum põe-se-lhe, dizem; porém os padres não acabam em Portugal, como acabaram os frades.

Eu com 22\$230 réis, e o mais que vós nunca sabereis, pedreira infernal, venho aqui, leio, enredo!... Padres sempre ha de haver, embora pobres; o peor é para os que não estão mais ricos.

Expulsaram de Portugal os frades, porque se dizia que sustentavam a mandriice; hoje pede-se muito e mais, rouba-se, finalmente, não se paga bem o que ou a quem se deve.

Aquellas pessoas que não vão á missa dizem-se as mais honradas!! que pessoas ha tambem que vão á missa e não dão algum resultado tambem. Contentam-se as freguezias já tão sómente com ter parochio, embora não diga missa por doença, ou por qualquer outro motivo. Até se contentam já com o não haver padres! E' o luxo, esse maldito e desgraçado luxo, que põe o brio na roupa, o qual domina tudo!!!

Se a matriarcha santa e bellissima Thereza de Jesus em presença de um vaso que havia contido as sagradas formulas ficava arrebatadissima: não vemos nós aqui tambem romper em sublimes extasis, onde as divinas plantas da Virgem Mãe de nosso Deus pousaram e se firmaram?!... Mas não, de modo algum, debalde ou em vão...

Tantos mil encantos n'este sagrado recinto! sejam-me penhor da minha eterna vida, ó Virgem-Mãe santissima, e na hora da minha inevitavel morte recebei o meu espirito. *In pace*...

A. S. F.

Voltarão os frades?

Tudo contra:

Os privilegios.

DIZEM os inimigos das ordens religiosas: que «estas não deveriam subsistir, porque tinham muitos privilegios, o que era contrario aos principios da egualdade e da liberdade bem entendida.»

Dizem mais; que «os privilegios não devem existir, por que são odiosos; por que são contrarios á nossa lei fundamental e são contrarios ás modernas ideias».

Tudo isso é verdade. No entanto, diremos, que as ordens religiosas poderiam subsistir, ainda que não gosassem dos privilegios, de que tanto fallam os seus inimigos e ainda que não gosassem d'outros privilegios, que tivessem tido ou que podessem vir a ter.

Nos paizes, verdadeiramente livres, existem taes institutos e os seus membros vivem, como simples cidadãos, sujeitos ás leis geraes do paiz. São, por tanto, independentes. Não ha pretextos, para se dissolverem taes institutos, que se conservam, sem que ninguem incommode os seus associados, a não ser por um caso muito accidental e quasi sempre transitorio.

*

Falla-se contra os privilegios das ordens religiosas e não se falla contra os privilegios, de que estão gosando muitos individuos, que exercem cargos publicos ou que se arvoram em senhores feudaes ou em influentes politicos, tendo-se na conta de homens eminentes, benemeritos cidadãos e escriptores publicos de alta importancia.

Gosam de privilegios o chefe supremo da Nação e sua familia; os ministros e os conselheiros de estado; os pares do Reino e os Deputados; os Magistrados das diversas classes e cathegorias e muitos outros individuos.

Tambem d'elles gosam muitas associações com fins commerciaes, artisticos, industriaes ou recreativos. Inclusive gosam de privilegios alguns jornalistas em reuniões litterarias, em audiencias, em certos julgamentos, e em banquetes e n'outras occasiões, em que é mister, que «se veja representada a imprensa.»

*

Em quanto aos primeiros individuos, ha quem diga, que os privilegios não são d'elles, mas são inherentes aos cargos, que elles exercem. Com tudo, não são os cargos os que gosam dos privilegios, mas sim os individuos, que exercem os mesmos cargos. Se assim não fôra, deveriam os privilegiados ter essas regalias, unicamente quando estão em exercicio. E isso nem sempre acontece.

Os individuos das outras classes, de que já fallámos, bem como os membros das associações, a que nos referimos, podem dizer, que não são elles os que gosam de taes privilegios, mas sim as mesmas associações, consideradas como corpos collectivos, e não como individuos, considerados singularmente.

E, guardadas as devidas differenças, o mesmo se poderá dizer dos jornalistas.

Pois nós tambem diremos, que a uma corporação religiosa poderia ter sido conferido um privilegio, mas que esse favor era commum á corporação respectiva, considerada unida; e não era favor, de que podesse gosar cada membro, senão em relação ao cargo, que exercia.

As associações leigas, de que fallámos, são puramente particulares. E, no entanto, gosam de privilegios. Mas diz-se, que as associações religiosas tambem o eram e que, por isso, não deviam gosal-os!

Ora essas associações eram particulares ou eram officiaes. Se eram officiaes, não admirava que gosassem de alguns privilegios. Se eram particulares, com que direito o governo as dissolveu?

E com que direito deitou a mão aos bens d'essas associações e dispoz d'ellas, como coisa do proprio governo?

Parece-nos isto um dilemma, a que não será facil responder, senão sophisticamente ou com argumentos grosseiramente chistosos!

De modo que os frades, na opinião de seus inimigos, gosando de privilegios, commettiam um crime, por que os mosteiros eram associações particulares. Para a sua extincção, não eram considerados como taes, mas sim officialmente e tanto que o governo, quando annuncia a venda de quaesquer bens, pertencentes a corporações religiosas, chama-lhes: Bens nacionaes! Que incoherencia!

*

E quaes eram, entre nós, as ordens religiosas, a que taes privilegios foram concedidos? Eram unicamente algumas das corporações monachaeas.

Tinham privilegios alguns mosteiros de Conegos regantes, especialmente o de Santa Cruz de Coimbra; o de Tibães, nos suburbios de Braga; o de

Grijó; os Bentos; os Bernardos, especialmente os de Alcobaça e ainda outros, que não chegavam a muitas dezenas.

*

Tratemos, porém, de expôr algumas considerações a respeito dos privilegios, de que podiam gosar os Frades.

E, em que consistiam esses privilegios?

Não passavam de umas pequenas formalidades em occasiões de visitas regias, ou quando os Frades procuravam o chefe supremo do estado; ou nas occasiões de festividades; ou no direito de exemptarem do serviço militar um creado qualquer ou no de acoutarem os foragidos por crimes de pouca importancia, ou n'outras coisas, que não deveriam metter medo a ninguem.

Havia mosteiros que tinham o direito de apresentarem os parochos de algumas egrejas. Esse privilegio não era tão odioso, como parecia se se attender á sua origem e se se attender, a que a esse direito andavam annexos, além de outras, as obrigações de conservarem e de reedificarem os respectivos templos e a sustentação de suas fabricas.

Eguae privilegios e obrigações tinham muitas commendas, especialmente a de Aviz.

Identicos privilegios, e alguns muito mais odiosos, tinham muitas familias distinctas e muitos individuos, que exerciam cargos gratuitos, segundo as leis de então. E, segundo hoje as leis permitem, ainda tem privilegios muitos funcionarios, que estão isentos de servirem certos cargos, de receberem aboletados, de pegarem em armas; que podem usar do porte de armas prohibidas, e gosar de outras vantagens, que são bem conhecidas e que longo seria enumerar.

*

Agora diremos nós aos inimigos dos Frades:

Vós achaeis odiosos os privilegios, de que podiam gosar alguns mosteiros (não todos os conventos), mas não vos lembraes ou não sabeis dos muitos encargos, inherentes a esses privilegios.

Não vos lembraes das grandes despesas e incommodos, a que muitos d'esses mosteiros estavam sujeitos, com hospedagens a pessoas de familias reaes, a ministros, a embaixadores, a altos funcionarios, a visitantes e especialmente a tropas em occasiões de guerra ou de passagens de forças militares.

E, n'esta parte, sirva de exemplo o que, nas invasões francezas, soffreu o mosteiro de Alcobaça, onde grandes forças militares estiveram aquarteladas por muitas vezes e por muito tempo.

Pode-se tambem dizer, que, outr'ora, os mosteiros e os conventos eram hos-

pedarias gratuitas, onde muitos passageiros eram tratados em conformidade com as suas posições.

Tambem não vos lembraes dos empréstimos forçados, em occasiões de guerras e de crises fazendarias do nosso paiz. E taes empréstimos nunca ou muito poucas vezes se pagavam.

Não vos lembraes dos encargos e despezas com aulas, com sustento de alumnos pobres, com os collegios, com os subsidios para fabricas de algumas egrejas, com hospitaes e outros institutos, e com as muitas esmolos, dadas ás portarias dos mosteiros ou mandadas a muitas familias envergonhadas!!

*

E por quem eram concedidos esses privilegios?

De certo, que eram por os monarchas, assim como hoje são concedidos pelo chefe supremo da Nação, os titulos, as cartas de conselho, muitas distincções e muitas commendas, apesar de tanto se apregoar egualdade e de tanto se fallar em democracia.

Ora, se os nossos antigos monarchas concediam alguns privilegios a certos mosteiros, assim como concediam alguns favores a outros conventos, eram esses privilegios uma consideração, quando não eram uma recompensa pelos serviços, que os habitantes dos mosteiros haviam prestado ou estavam prestando ao paiz, especialmente á instrucção. E dizemos, á instrucção, por que entre nós foram os mosteiros os primeiros lyceus e institutos de aulas secundarias.

E, apesar de tanto se fallar contra os *frades bernardos* e de se gracejar muito das *bernardices* e especialmente das dos frades de Alcobaça, diremos, que, antes de El-Rei D. Diniz fundar a Universidade, já estes frades haviam fundado no seu mosteiro um curso de aulas superiores e outro de aulas secundarias, em conformidade com as ideias da epocha e do desenvolvimento intellectual dos eruditos de então.

Essas aulas eram tão regulares, como se officiaes se considerassem e foram tomando incremento com o correr dos annos.

Essas aulas conservaram-se até á extincção das ordens religiosas no nosso paiz.

E o que succedia, com as aulas no mosteiro de Alcobaça e nos outros mosteiros da mesma ordem, succedia nas outras casas religiosas, guardadas as differenças e proporções respectivas.

E a este respeito, ainda teremos occasião de fallar.

*

Continuando, porém, a fallar de privilegios, diremos que não eram elles tantos, que podessem metter medo aos fallos amigos da liberdade.



S. SIMÃO E S. JUDAS THADEU

E, se os antigos monarchas, sob diversas condições e por justificados motivos, concediam alguns privilegios a alguns mosteiros ou a algumas ordens religiosas, entendemos, que o snr. D. Pedro, primeiro imperador do Brazil, abolindo, em Portugal, essas ordens e, portanto, os privilegios, de que ellas gosavam, offendeu a memoria de todos ou de quasi todos os seus antepassados ou a teve em muito pouco respeito e em nenhuma consideração!

E d'esta materia ainda fallaremos em occasião opportuna.

*

Os inimigos das ordens religiosas, os que fallam contra os privilegios em geral, são tambem os que fallam contra a velha fidalguia e que pregam democracia e egualdade em toda a parte, por todos os modos e a toda a gente.

E, apesar d'isso, esses individuos desejariam obter e gosar de privilegios em maior numero e de mais importancia do que os antigos senhores feudaes.

E tem mais orgulho do que estes e tratam os, que reputam seus inferiores, com mais arrogancia, do que os antigos *capitães-móres*.

Não querem, que ninguem se opponha ás suas opiniões e, tratando a todos com desdem, escarnecem dos que, com justo fundamento, se podem orgulhar dos feitos dos seus antepassados.

E se, a esses *democratas* alguém lembrar, que a descendencia d'elles é humilde, todos se escandalisam, assim como tratam com desprezo os parentes, que não tem sido favorecidos da fortuna ou não estão em posição elevada.

Se, porém, esses *democratas* tem alguns parentes titulares ou em elevada posição, já procuram occasião de fallarem d'elles, de terem com elles intimas relações, de frequentarem as casas d'elles e de os acompanharem para toda a parte.

*

Entremos nas habitações d'esses *democratas* e vêl-os-hemos, muito bem re-

clinados n'um sofá ou n'uma poltrona, fumando o seu bello charuto, desdenhando de tudo e de todos, mirando o seu jardim, tratando os creados despoticamente e recebendo os hospedes, com menos consideração, do que um general receberia um simples soldado.

*

E é tal o orgulho d'esses *democratas*, que, se mandam baptisar seus filhos, já não querem, que se lhes ponham nomes vulgares. Isso é fossil. Isso é para *gente do povo*.

Para os filhos de taes *democratas* afidalgados, escolhem-se sempre nomes eguaes aos que tem ou tiveram altas personagens e as pessoas notaveis pelos seus feitos heroicos ou pelos seus talentos.

E esses *democratas* deixam muitas vezes os appellidos mais vulgares dos seus antepassados, para adoptarem aquelles, que parecem mais recordar nobreza ou brazões de familias distinctas.

Não poucos até usam de appellidos, que não lhes pertencem; usam de brasões, que nunca lhes poderiam pertencer; gostam de comprar predios, cujas portas estejam encimadas com alguns brasões e chegam a cobri-los de crepes, quando lhes morrem algumas pessoas das familias!

Censuram, que «os franciscanos deem reverendissima uns aos outros,» como vulgarmente se diz. Mas elles, entre si, tratam-se com muitas excellencias, dão mutuamente dom ás esposas, ás filhas e ás irmãs; e envergonham-se de levarem um pequeno embrulho em suas mãos, quasi sempre enludadas.

E, apesar de suas ideias democraticas, não querem educar seus filhos para artistas, para lavradores, para negociante ou para outras posições humildes.

Querem, que elles venham a ser altos funcionarios, magistrados, ministros, deputados, pares do Reino ou outras personagens, a que estejam inherentes quaesquer privilegios, pois, «para fidalgos, basta que só elles o sejam»!

Eis aqui, pois, como, com raras excepções, são os que fallam contra a fidalguia, contra as grandezas sociaes.

E, esses individuos, não regeitariam e quasi nunca regeitam, (se para isso tem ensejo e tem haveres), um titulo, uma carta de conselho, uma commenda, uma distincção qualquer.

E n'um templo, n'um tribunal, n'uma publica assembleia e n'uma corporação qualquer, todos querem ter logares mais commodos e occupar as maiores posições.

E, se os frades tinham privilegios, não se segue, que, por isso, houvessem de ser dissolvidas as suas corporações. Sem privilegios, vivem elles nos paizes livres, como dissemos e como viveram, em quanto vigorou a primeira Constituição portugueza e ainda emquanto, pela primeira vez, esteve em vigor a Carta constitucional, mandada do Brazil pelo primeiro imperador d'aquella Nação.

Mas bastará já de fallar de privilegios.

Passaremos a outro capitulo.

UM CATHOLICO.

A visita aos templos catholicos

Domus mea, domus orationis vocabitur...

TRISTE, tristissimo bastante, a maneira fria e desprimorada, com que hoje em dia se visitam os templos catholicos.

Portugal, que desde o berço da monarchia foi sempre catholico, actualmente está atravessando uma quadra d'atheismo e materialismo, (salvo algumas excepções bastante honrosas) d'atheismo que se reconhece pela entrada, estada e sahida de muitos catholicos *honorarios* que para ali andam ás duzias, confessando-se pela Paschoa, sabe Deus como e assistindo ao Santo Sacrificio e outros Officios Divinos, como todos vêem e que depois de sahirem dos templos derramam pelas intelligencias fracas suas ideias anti-catholicas, mas que foram ensinadas por *senhores* que muitas vezes calçam luvvas, para não alagarem os dedos na agua benta dos templos e só dobram um joelho por unica condescendencia para com Deus!

Triste quadro da sociedade!

Examinemos n'um templo catholico, e examinemos com cuidado o respeito e homenagem prestada muitas vezes A'quelle Soberano Senhor, Creador dos Ceus e da Terra, Unico Deus Verdadeiro, Deus de puro amor, cuja presença, n'Aquella Sanctuario Augusto, é tão real como nos Céos.

Lá entra um curioso que procura distração. Tanto lhe importa entrar pela esquerda como pela direita, porque para elle ali não está Deus. Assim dizia o Santo rei David «*Dixit insipiens, in corde suo: non est Deus.* (Ps. XIII & I). Tomar agua benta? isso seria desprezo para a sua pessoa. Depois dirige-se para qualquer altar; por muita condescendencia algumas vezes dobra um só joelho e faz o signal de todo o christão, o persignar, como se enxotasse uma mosca que o ferisse na testa. Em seguida levanta-se para admirar não sei o quê... talvez alguma paixão que domina aquella alma pervertida. E enquanto este entra, muitos outros passeiam pelo templo, como se essa casa, sómente d'oração, fosse algum *boulevard*.

Nosso Senhor Jesus Christo dizia ha dois mil annos, que o povo o sabia sómente honrar com exterioridades, mas que seu coração estava longe d'Elle, (*S. Matt. c. XV, & VIII*), muito peor acontece hoje.

Esse Deus todo bondade e misericordia, lembrando-se do peccado que sempre devia perseguir a humanidade, estabelece a Igreja com seus ministros, nomeia Pedro seu Vigario sobre a terra, com poder d'atar e desatar, isto é, perdoar os peccados dos homens... *quodcunque ligaveris super terram, erit ligatum et in coelis: etc.* (*S. Matt. c. XVI & XIX*); e fica com esses mesmos homens, n'esse Sacramento Augusto, para mais facilmente os poder visitar e alliviar suas dôres; mas é justamente n'esse lugar sagrado e pe-

rante esse Tabernaculo Divino, que os homens menos o respeitam.

Santo Deus, como tudo isto é in-creditavel n'um paiz catholico!

E d'onde parte isto? Qual é a causa d'este effeito?

Não ha effeito sem causa; o effeito está presente aos olhos do mundo verdadeiramente catholico, a causa vamos estudal-a.

A causa principal da descrença que reina por muita parte é a falta d'educação religiosa ministrada ás creanças, nas escolas primarias e depois nos collegios superiores.

A primeira materia, que em todas as escolas primarias deviam os senhores professores ensinar ás creanças d'um e outro sexo era o catecismo, para que ellas podessem desde seus tenros annos conhecer a Deus seu Supremo Creador, Principio e Fim de todo o bem.

Mas já que nas escolas d'educação e ensino esse estudo é deficiente e muitas vezes automaticamente ensinado, ainda existe um recurso para formar da mocidade christãos verdadeiros, homens que para o futuro sejam moralisadores e que saibam renovar no espirito dos vindouros a crença dos seus antepassados.

Esse recurso são as *Associações da Mocidade Catholica* e associações congeneres.

Graças á iniciativa de bons espiritos catholicos, já hoje existem em muitas cidades de Portugal esses centros reformadores, dirigidos por homens sabiamente esclarecidos pelos principios religiosos e pedagogicos, onde á roupe do Padre se allia o auxilio secular.

Lisboa, Braga, Porto, Guimarães e muitas outras cidades do continente, possuem essas casas, onde a par dos divertimentos proprios da idade juvenil, essas creanças possam praticamente exercitar-se nos actos da moral religiosa e civil.

Ainda ha muitas cidades, nas quaes essas associações não existem e entre ellas destaca-se uma diocese grande pelo numero de seus fieis, onde se podiam estabelecer tres associações catholicas, em beneficio da sua mocidade. Essa diocese é a d'Angra.

Açorianos! Unii-vos todos n'um laço fraternal e formae nas capitaes dos vossos tres districtos, tres associações catholicas a exemplo de Lisboa a capital do reino, Braga e Porto, cidades catholicas por excellencia e muitas outras.

E depois d'estabelecidos esses centros reformadores da mocidade que a passos agigantados se vae corrompendo pelo vicio e pela desmoralisação, vigiae attentos e vêde se os vossos templos para o futuro não serão visi-

tados por verdadeiros fieis, jovens que mais tarde serão paes dignos d'esse nome.

Alerta! açorianos! Alerta!

Seja Angra a séde da diocese, o primeiro baluarte, que arvóre a bandeira catholica a favor da mocidade.

Angra do Heroismo.

S. M.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 240)

CCXCVII

P. Pedro de Calatayud

NASCEU este famoso jesuita na Hespanha, na cidade de Calatayud, d'onde tomou o cognome. Por seu character, trabalhos apostolicos, sabedoria e santidade, é com toda a razão contado entre os varões illustres da Companhia de Jesus, durante a primeira metade do seculo XVIII.

Era d'uma familia nobre e opulenta; mas voluntariamente renunciou o risinho futuro a que pelo seu nascimento, haveres avultados, talentos e dotes não vulgares podia aspirar, para se consagrar perpetuamente, n'uma religião de austeridade e obediencia, ao serviço de Deus e á santificação do proximo.

Entrando na Ordem de Santo Ignacio, Pedro de Calatayud logo começou a distinguir-se por sua applicação aos estudos e pela exacta observancia dos deveres religiosos. Ainda noviço, já servia de modelo a todos os seus companheiros.

Segundo o costume do seu instituto, ensinou em varios collegios humanidades, philosophia e theologia. Toda a sua vocação, porém, era para prégar o Evangelho aos povos. A conversão e salvação das almas era o seu ideal.

Alcançando licença dos seus superiores para se dedicar especialmente ás missões, o P. Calatayud percorreu as provincias de Hespanha espalhando a palavra de Deus, fazendo maravilhosas conversões; e para isto contribuia a sua palavra inspirada e o exemplo da sua vida penitente.

Onde quer que entrasse o jesuita Calatayud entrava a paz e a misericordia do ceu. Os povos veneravam-n'o como santo, escutavam-n'o como em viado do ceu e rendiam se constrictos e humilhados ante aquella eloquencia apostolica, confirmada com o exemplo da sua vida santa.

Em toda a parte se admirava este novo apostolo, que o ceu predestinara para converter as almas.

O P. Calatayud tambem missionou em Portugal, percorrendo as provincias do Minho, Douro e Traz-os-Montes. Deu fructuosas missões em Braga, Vianna, Barcellos, Villa do Conde, Ponte do Lima, Arcos de Valle do Vez, Còura, Monção, Caminha, Villa Nova de Cerveira, Valença, Villa Real, Murça, Moncorvo, Chaves, Castro Verde, Provezende e Guimarães.

No seu trajecto por todas as cidades e villas, este sabio e santo jesuita dava exercicios espirituaes segundo a regra do seu glorioso patriarcha. Em Braga teve algumas vezes por assistentes 600 padres juntos; em outras partes, 400, 500, etc.

A mais querida das suas devoções era ao Sagrado Coração de Jesus, que com zelo inexcedivel espalhou por toda a parte na Peninsula.

Estando na villa de Provezende, adoeceu gravemente, extenuado pelas fadigas e penalidades d'um longo apostolado. Apenas restabelecido, regressou á Hespanha, sua patria.

A breve trecho, foram os jesuitas expulsos da Hespanha, por tramas da maçonaria, como succedeu em todos os paizes. Foi isto em 1767, sendo já o P. Calatayud de avançada idade. Partiu para a Italia com seus irmãos, obediante, submisso e resignado.

Sem nunca perder a paz inalteravel d'uma consciencia justa e a firme confiança em Deus, animava os seus companheiros na religião e no exilio.

Morreu este santo jesuita em Fontanelli (Italia), em 1773, na idade de 84 annos. A sua morte foi tão edificante como tinha sido a sua vida.

Deixou o P. Calatayud varias obras sobre assumptos espirituaes, que se acham vertidas em portuguez. São singulares por sua clareza e precisão.

Possuo as suas *Praticas*, que são as conferencias ou sermões que elle pré-gou em Portugal; é uma obra perfeita por sua eloquencia, solidez de doutrina e simplicidade.

Note-se, porém, que a eloquencia do P. Calatayud não é essa eloquencia palavrosa, balofa, abundante de rhetorica... que pouco fructo produz; era uma eloquencia verdadeiramente evangelica.

Já disse, e repito, que os seus escriptos se singularisam por sua clareza, precisão e simplicidade. São o estylo do bom missionario catholico.

CCXCIV

P. Luiz Carnoli

Pouco se me offerece a dizer d'este religioso da Companhia de Jesus, não obstante ser um varão doutissimo e gosar de grande reputação na sua Or-

dem, na qual ensinou com louvor humanidades, rhetorica, philosophia e theologia.

Todos, ou quasi todos os jesuitas, são mestres consummados nas sciencias. Todos teem um longo tirocinio no vasto campo da litteratura, e sobretudo na sciencia moral, tanto theorica como pratica. Em todos os seus estudos só visam á gloria de Deus e ao proveito espiritual do proximo.

O P. Luiz Carnoli foi, como todos os outros seus collegas, educado n'esta eschola, e porisso não admira que fosse um homem sabio e virtuoso, e muito mais sendo dotado d'um genio investigador e d'um talento extraordinario.

Nasceu em Bolonha (Italia), em 1618, e ahí falleceu em 1693.

E' especialmente conhecido por algumas biographias que escreveu, particularmente por uma *Vida de Santo Ignacio de Loyola*.

Tambem exerceu dignamente a oratoria sagrada e cultivou a poesia; não me consta, porém, que deixasse alguma coisa escripto sobre esta materia.

(Continúa).

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO LITTERARIA

Milicia Christã

2.ª PARTE

IV

A Santissima Cruz

Arvore, que, bendita, te levantas,
Na tarde mais horrenda,
Por forma tal, que ao proprio sol espanias;
Para que o mundo entenda
Que muito mais, tu, luminosa vales;
Para sempre depois em estes valles.

Arvore, antes do tristes igaominias
O segas tameroso,
E's hoje de nobilissimas insignias
Tibre o mais honroso;
Os monumentos encinas mais puleros,
E dá a paz e as honras nos sepulchros.

Assente n'um rochedo, largos mares
Dominas magstosa,
E no centro refalges dos altares
Tranquila e silenciosa
Sem pal-vras, porém, tão eloquente,
Como do caridade alta torrente.

N'este mundo presides os destinos
Dos venturosos crentes,
Que os preceitos seguindo vão divinos.
Humilhes e pacientes,
Despresando de fortes malfaitores
Os con-elhos, por vezes seductores.

Nos fizeram as mães, na tenra idade,
Na frente, bocca e peito
Esty signal da cruz, por caridade
Do amor de Deus effeito,
Pois, a sombra da cruz, em vida e morte
Esperavam p'ra nós a boa sorte.

Já na infancia feliz nos amparaste,
Nos deste luz e alento,
E as sombras dos horrores afastaste
Do nosso pensamento,
Talisman, tu, de celestial encanto,
O crime estorvas, e abres passo ao santo.

De virtudes divinas timbre eterno,
E's arma omnipotente
Contra o poder diabolico do inferno,
Que trama, se presente
No ar a forma do lavaro divino,
Que velo melhorar nosso destino.

Sóis arvore da vida, que, regado
Com o divino sangue,
Não seccarão as iras do peccado,
Ainda que se zangue
O fero Satanaz, e venham iras
Do reino dos furoros e mentiras.

Sem vós, nem benção, nem sacramentos
Se dão aqui, na terra,
Nem thaumaturgo nunca fez portentos
Sem vós, onde se encerra
Do divino poder o tal segredo,
Ampare nosso e do descrente medo.

Em tentações, trabalhos e perigos
A' vossa sombra iremos,
Sem me lo do poder dos inimigos,
Tranquillos, mui serenos.
Se conhecemos a fraqueza nossa,
Fiados imos na virtude vossa.

Signo de benção e poderio,
Abençoa meus passos,
Põe-me no coração amor e brío,
Que noto ter escassos.
Que, na humildade andando, me levante,
E muitas vezes, e melhor vos c nte.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

A' IMPRENSA CATHOLICA

(AO ILLUSTRE POETA ALVES D'ALMEIDA)

Salvé, catholica imprensa,
Fanal que esparges a luz,
Salvé, baluarte da Cruz,
Da religião e da crença!

Mostras da verdade a senda,
Não dás ao vicio guarida,
Mas antes, de frente erguida,
Lhe moves guerra tr. monda.

Por isso eterno: louvores,
Te dá a gente bondosa;
Prosegue, pois, corajosa
Os teus difficeis labores.

Arranca ao vicio as entranhas
Na lucta nobre e sagrada;
Prosegue, prosegue ousada
Da her'sia arrostando as sanhas.

Real Collegio PADRE MENDES ROSA.

ASPIRAÇÕES DE CRENTE

(INEDITA)

Não desejo, Senhor, essas grandezas,
que só vaidade são.
De possuir thesouros e riquezas
eu não tenho ambição.

Nome, digno de bronzeo monumento,
eu não quero, ó Senhor.
Não quero ser nas artes um portento;
nem ter alto valor.

No certame dos gen'ios, eu, vencido
não lamento ficar.
E desejo tambem sempre no olvido
os meus dias passar.

Não aprendem as aves os seus cantos
e, nos trinados seus,
de Ti fallar com intimos encantos
parecem aos atheus!

As ternas aves toda a natureza
de inspiração dotou.
E desejo louvar-Te e (que tristeza!)
inspirado não sou!

Dá-me, Senhor, a sonora lyra,
que sempre desejei.
Só a ella minha alma sempre aspira
e a Ti a votarei!

N'ella soltára, em dias de bonança,
por Ti cantos de amor,
porque em Ti só quer ter sua esperança
o pobre trovador!

Hei-de a lyra tanger nos calmos dias.
E os raios e o trovão,
lembrando o teu poder, mais harmonias,
só por Ti lhe darão!

Hei-de-a tanger, quando romper a aurora
e quando o sol fulgir;
e, quando do arroyo a voz sonora
em noite amena ouvir.

Da minha lyra os cantos enviara
à celeste mansão.
E o teu poder e amor sempre exaltára
com pura devoção!

A minha alma, Senhor, sempre suspira
por tua face vêr!
E deseja nos sons de sacra lyra
a Ti seu vôo erguer!

Senhor! A lyra só do puro crente
eu desejo empunhar.
Só para Te louvar constantemente,
a quero dedilhar.

Tambem Te elevarei, ó Ser immenso,
meu pobre coração.
Accepta d'este amor o humilde incenso
na celeste mansão!

E se um dia, no Céu, Tu escutasses
ternos suspiros meus,
talvez então a lyra me enviasses
por um anjo dos teus.

Só um anjo dos teus me poderia
ensinar a tanger!
E, com elle, a celeste poesia
eu podéra apreender!

E, se fóra afinada pelos dedos
de um anjo teu, Senhor,
me revelára os intimos segredos
do teu intenso amor!

E então as mais celestes harmonias
eu quizera enviar
a celeste mansão!—E poderias
meus cantos desprezar?—

Quebrára então a lyra, onde terreno,
profano, amor cantei.
Meu coração ficára mais sereno,
seguindo a tua lei.

Mas que importam desejos? Eu sou crente
e quero-Te louvar!
E, apenas, pod'erei na minha mente
o teu nome invocar.

Só Te pôde cantar em sacra lyra
um anjo teu, Senhor.
Para elevar-Te cantos, sempre aspira
em vôo o trovador!

Aveiro.

RANGEL DE QUADROS.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

RECEBEMOS a segunda caderneta do
Catecismo de Perseverança, que
o benemerito editor portuense, sr. An-
tonio Dourado, está publicando. A pu-
blicação continuar-se-ha a fazer regu-
larmente. Esta nova edição vem au-
gmentada com algumas notas elucidati-
vas, devidas á penna do revisor, que
é um erudito professor do Seminario
do Porto.

Como se sabe, cada caderneta custa
100 réis. O sr. Antonio Dourado ain-
da recebe assignaturas e encarrega-se
de fazer a cobrança pelo correio, de
cinco em cinco cadernetas. Os assignan-
tes pouco endinheirados podem, pois,
adquirir aquella excellente edição sem
grandes sacrificios.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Derrota de Demetrio

(Vid. pag. 247)

NOSSA gravura representa a der-
rota que o rei Alexandre, alliado
com os judeus, infligiu ao exercito de
Demetrio, na qual este foi morto, su-
bindo Alexandre os degraus do throno
de Syria, depois do que contrahiu ma-
trimonio com Cleópata, filha de Pto-
lomeu, rei do Egypto.

*
*
*

S. Simão e S. Judas Thadeu

(Vid. pag. 253)

Assegura Theodoro que S. Simão
fora da tribu da Zabulon ou de Ne-
phthal, accrescentando Nicephoro que o
nosso santo fóra o esposo das bodas de
Caná, ás quaes assistiram como convi-
dados o Salvador e a Santissima Vir-
gem operando n'ellas, a rogos d'esta
Senhora, o primeiro mi agre de conver-
ter a agua em vinho. Este prodigio,

obrado em seu favor fez tanta impressão no noivo, que tudo deixou para seguir a Jesus Christo, e por consentimento de sua esposa, a quem não deixava intacta, conservou perpetua virgindade no matrimonio, servindo de modelo a tantos grandes santos, que imitaram ao depois tão bello exemplo.

Desde que Simão se resolveu a deixar tudo para seguir a Jesus Christo, não reconheceu a outro mestre: tão addicto a seu divino Salvador que nunca o perdeu de vista. Sempre attento a suas sublimes instrucções, perpetua testemunha de todas as suas maravilhas, sobresahiu muito depressa entre os demais discipulos; mas seu amor com especialidade á pessoa de Jesus Christo e o ardente zelo, que mostrava pela gloria de seu celestial mestre, o acreditaram bem cedo por um dos primeiros apóstolos do Salvador.

S. Judas, por sobrenome Thadeu, duas palavras que significam uma mesma cousa, sendo a primeira hebrêa e a segunda syriaca, quereudo ambas dizer *confissão*; S. Judas foi irmão de S. Thyago o Menor, filho de Alpheu e de Maria, tão conhecida no Evangelho por seu affecto á pessoa de Jesus Christo. Ambos eram conhecidos como irmãos do Senhor, consoante ao costume de fallar dos judeus, porque eram parentes mui chegados da Santissima Virgem. S. Jeronymo chama tambem a S. Judas Lebheu, que quer dizer, *homem sabio e generoso*, por cujo distinctivo nol-o faz igualmente conhecer o grego de S. Matheus.

S. Judas, segundo o martyrologio romano, foi levar o Evangelho á Mesopotamia, onde fez innumeraveis conversões. S. Paulino affiança que tambem evangelisara na Lybia. Achando-se em uma d'estas duas provincias, não contente de trabalhar tão felizmente na conversão dos gentios, quiz estender seu zelo a todos os fieis, dirigindo-lhes aquella admiravel epistola que é a ultima das catholicas por não ter sido endereçada a qualquer igreja em particular, mas a todas em geral.

Depois de haverem percorrido os dois santos apóstolos Simão e Judas grandes e vastissimos espaços pelo decurso de quasi trinta annos, augmentando por toda a parte o rebanho de Jesus Christo com crescido numero de fieis, sentiram-se inspirados do céo para irem prégar a fé ao reino da Persia. Ao entrarem n'ella, encontraram-se com um exercito commandado pelo general Baradach, que marchava contra os indios, a quem o rei da Persia havia declarado guerra. Logo que os santos entraram no acampamento, todos os demonios que fallavam antes pelo orgão dos adivinhos e dos magos, ensurdeceram de repente sem darem já resposta

alguma. Este repentino silencio causou estranheza e temor em todo o exercito; tendo consultado a este respeito com um famoso idolo, que distava algumas legoas do acampamento, respondeu que a presença dos estrangeiros Simão e Judas, apóstolos de Jesus Christo, havia fechado a bocca aos deuses do imperio, accrescentando que era tão formidavel seu poder, que nenhum d'estes se atrevia a apparecer em sua presença.

Com esta noticia todos os sacerdotes e adivinhos do exercito concorreram tumultuosamente á tenda do general, pedindo em altos gritos a morte dos dois estrangeiros, ameaçando-o com uma revolta geral se não annuia. Baradach, homem cordato e circumspecto, não queria andar com precipitação; mandou chamar os dois santos; fez-lhes varias perguntas, e ficou tão satisfeito com suas respostas, que os olhou com consideração e muito respeito, convidando-os para uma conferencia particular e reservada. N'ella lhe explicaram a santidade e a verdade da nossa religião; fizeram-lhe sentir as imposturas e embustes de todos aquelles encantadores, e igualmente a fraqueza e a imbecillidade de todos os idolos; e para acabarem de o convencer, accrescentaram que convidasse aquelles adivinhos a pronunciarem-se sobre o resultado da guerra. Responderam todos depois de haverem consultado com o demonio que a guerra seria longa, perigosa e sangui-nolenta. Tomando então os apóstolos a palavra, e voltando-se para o general lhe disseram: «Agora conhecereis, senhor, a falsidade e a impostura de vossos oráculos. E' tão falso o proposito d'estes vossos adivinhos, que amanhã a esta hora, em que vos estamos fallando, hão de chegar ao acampamento os embaixadores dos indios e vos pedirão a paz com as condições que quizerdes impôr-lhes sem a minima resistencia.» Todo o exercito esteve em impaciente expectação até ver o effeito da propheta. Chegaram os embaixadores á hora aprazada, e concluiu-se a paz, como se quiz. A' vista de tão maravilhoso successo, não só se converteram o general, os officiaes e a maior parte do exercito, mas informado o rei que estava em Babilonia, quiz ver os santos apóstolos, e converteu-se elle e toda a familia real.

A este primeiro milagre seguiram-se outros, que contribuíram para a conversão de quasi todo o reino, mediante as excursões que os nossos santos fizeram pelas principaes cidades e povoações. Sómente permaneceram obstinados os magos e sacerdotes dos idolos, os quaes pelo despeito de se verem esquecidos e desconsiderados, determinaram acabar com os dois santos apóstolos. Levantaram contra elles o povo de uma cidade

distante da côrte; ao tempo, em que os apóstolos se dispunham para lhes annunciarem o Evangelho, arrojou-se sobre elles o populacho, e arrastando a um deante de uma estatua do sol, e a outro diante de um idolo da lua, lhes mandaram offerecer incenso a estas imaginarias divindades.

Mostraram os santos apóstolos o horror que lhes causava tão execravel impiedade; no mesmo instante foram portanto condemnados á morte. S. Simão, consoante a tradição, foi serrado ao meio; e a S. Judas cortaram a cabeça. Em virtude d'esta tradição pintam S. Simão com uma serra, e S. Judas com uma acha na mão, como symbolo do genero do martyrio que soffreram.

Tardou pouco o Senhor em castigar sua gloriosa morte, pois diz-se que no mesmo instante se desencadeou uma horrivel tempestade que deu em terra com os templos dos falsos deuses, fez em pedaços os idolos e ficaram sepultados nas ruinas todos os que tomaram parte n'ella.

Com o tempo foram levadas para Roma as reliquias dos santos martyres, venerando se parte d'ellas em Tolosa, e alguns ossos na igreja de Santo André de Colonia e na dos Cartuxos.

SECÇÃO NECROLOGICA



No dia 16 de setembro falleceu em Aveiro a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Barbara Street Rangel de Quadros, natural de Lisboa, filha do desembargador, sr. José Luiz Rangel de Quadros, natural d'Aveiro, e da sr.^a D. Catharina Street, irmã do sr. conde de Carnide, e prima e sogra do ex.^{mo} sr. José Reynaldo Rangel de Quadros, nosso distincto collaborador.

A' familia enluctada, principalmente ao ex.^{mo} sr. Rangel de Quadros, enviamos sinceros pezames, e aos leitores pedimos as suas orações por alma da virtuosa senhora fallecida.

RETROSPECTO

Os protestantes no Minho

Ha dias os protestantes Cassels e companhia, de Gaya, tentaram fazer propaganda protestante em Caminha. O rev. Parocho d'esta localidade, que

é um Pastor zeloso e digno, sabedor de que os amigos da Reforma lhe queriam desgarrar as suas ovelhas, poz-se á frente do rebanho afim de evitar que elle se tresmalhasse.

A' hora em que os satellites de Satanaz deviam começar a arengar as suas deleterias doutrinas, o snr. dr. Felgueiras, á frente do povo de Caminha, invadiu a casa onde elles se achavam, não os deixaram fallar e escorraçaram-n'os. O povo exasperou-se de tal fórma que a auctoridade teve de intervir afim de proteger a retirada dos *evangelicos* reformistas.

Em consequencia d'esta heroica attitudé, em que o brioso povo de Caminha mais uma vez mostrou as suas arraigadas crenças catholicas, os assalariados cooperadores de Luthero, vendo que o terreno era esteril, retiraram-se, ou por outra fugiram para Vianna do Castello.

E' de esperar que o povo d'esta cidade siga o exemplo dos seus vizinhos de Caminha, pois tem a força necessaria para mostrar a esses tartufos que o Minho é catholico, e como tal repelle a impia e falsa doutrina que elles tentam alli implantar.

Ao clero e ás auctoridades de Vianna compete a vigilancia dos reformistas: aquelle para imitar o louvavel procedimento do seu collega de Caminha e estas para evitarem a perturbação da ordem.

As transformações do socialista

O *Ulk*, jornal satyrico de Berlim, publicou quatro desenhos que mostram as transformações do socialista allemão desde 1877.

O primeiro representa em 1877 um companheiro em andrajos, de punho cerrado contra a sociedade burguezia. Em 1887, o companheiro, com traje menos esfarrapado e tendo na mão as obras de Engels e de Marx, arenga ao povo. Em 1897, apresenta-se como bom burguez e com um rendimento de 7:000 marcos por anno. Um quarto desenho mostra-o em 1907, em traje de côrte e tendo na mão um convite para um baile do paço.

A veneravel Maria Sales

O Santo Padre, depois de favoravel parecer da Sagrada Congregação dos Ritos, dignou-se approvar a introdução da causa da serva de Deus Maria de Sales Chappuis, da Ordem da Visitação. A este respeito tem-se feito notar a unidade da acção de Deus sobre a Ordem da Visitação, á qual confiou a missão de propagar na terra a devoção do Sagrado Coração de Jesus, de que foi reveladora no seculo XVII a Beata Margarida Maria Alacoque, propagadora no seculo XVII a Veneravel Anna

Magdalena Rémuzat, e vulgarisadora no seculo XIX a Veneravel Maria de Sales Chappuis.

Heroismo maternal

Em Nantes, no tempo da revolução franceza, quando governava esta cidade o tyranno e sanguinario Carré, ordenou-se, para *terminar* mais depressa com os aristocratas e suspeitos, que estes fossem lançados ao Loire.

Umás mulheres foram visitar as priisioneiras com o caridoso fim de cuidar-lhes dos filhos para os poder livrar da morte.

Uma das captivas, vendo entre as mulheres que acabavam de chegar á prisão para salvar as creanças uma senhora cujo porte distincto indicava uma posição desafogada, pensou que seu filho teria melhor futuro sendo confiado antes a ella que a outra pessoa.

Tomou a creança nos braços e apresentou-a á tal senhora, dizendo-lho:

—Senhora, por piedade adoptae meu filho!

—Sim, respondeu ella, adopto-o, e educal-o-hei.

—Bem dita sejaes, disse a pobre mãe, ensinae-lhe a amar a Deus, a compadecer-se de seu pae. Fallae-lhe de mim . . . de mim que vou morrer!

—Não lhe dê cuidado, replicou-lhe a senhora que havia promettido adoptar a creança, será feliz; sou rica, nada lhe faltará; ensinar-lhe-ei a amar e a servir a republica.

—Dê-me o meu filho! dê-me o meu filho! exclamou a pobre mãe; a snr.^a quer perder a sua alma! Prefiro que elle morra connmigo a levar o pensamento de que elle seria pervertido!

E com a auctoridade e a força d'uma mãe, tornou a pegar no filho, e no dia seguinte, apertando-o contra o seu coração, é submergida juntamente com elle nas aguas do Loire.

O leigo innocente

Havia uma pobre viuva que tinha um filho unico, que amava sobre tudo n'este mundo: o menino era tão innocente, tão bom, tão submisso, que todos o estimavam; mas ao mesmo tempo era tão rude a sua memoria que era impossivel poder-se ensinar lhe qualquer coisa.

Sua mãe pôl-o na escola, mas nada aprendeu; quiz mandal-o para um officio, mas succedeu outro tanto.

Então a sua pobre mãe encontrou consolação no seu confessor que era um respeitavel religioso e supplicou-lhe intercedesse ao Prior do convento, afim de receber seu filho alli. Assim o fez o bom Padre e o rapaz foi admittido.

O religioso tratou de instruir o seu protegido na religião, cujas primeiras orações lhe havia ensinado sua piedosa mãe, mas nunca pôde fazer que

elle aprendesse de côr, nem se recordasse senão d'estas expressões da Fé, da Esperança e da Caridade:

—Creio em Deus, espero em Deus, amo a Deus!

Quando passou o anno de noviciado, determinaram que não fosse admittido na ordem por inepto; mas como era tão serviçal, doce e humilde, todos os religiosos o estimavam e vendo com magua o desconsolo da sua pobre mãe, resolveram tel-o no convento para trabalharna horta.

Depois de longas e penosas tarefas que lhe impunha o mister de hortelão, viam que elle, em vez de dormir e descansar, ia para a igreja, onde estava ajoelhado bastantes horas.

—Que fará elle alli? perguntavam os noviços. Elle que não sabe lér, nem rezar nem comprehende o rito nem as orações da Igreja?

Cheios de curiosidade, occultaram-se um dia para vêr em que elle passava o tempo, e viram que não fazia mais que repetir incessantemente com grande fervor:

—Creio em Deus, espero em Deus, amo a Deus!

Ao fim d'alguns annos morreu o pobre leigo com a mesma tranquillidade com que havia vivido, acharam-n'o morto no seu enxergão de palha, com o rosto sereno e as mãos cruzadas. Enterraram-n'o como um innocente, sem officio e sem que dobrassem os sinos. D'ahi a pouco não se conhecia o canto da terra em que estava encerrado o seu corpo senão pelas lagrimas com que o regava sua mãe.

Mas algum tempo depois notaram que havia nascido espontaneamente sobre aquella sepultura uma formosa açucena; aproximaram-se e viram com assombro que as brancas folhas da flôr tinham cada uma um letreiro com caracteres de ouro, que dizia:

—Creio em Deus, espero em Deus, amo a Deus!

Cavaram a terra e viram que a açucena tinha sua raiz no coração do filho da pobre viuva.

O que prova que com a consciencia e sem fé se perdem as almas, e com fé e sem estudos se alcança o céu.

Singular coincidência

Em Tulle, França, deu-se um facto que commoveu aquelle povo.

O governador d'aquella localidade, João Baptista Valette, que prohibiu a procissão que todos os annos sahia em honra de S. João Baptista, falleceu repentinamente no dia em que se costumava fazer a festa áquella santo. Este facto singular é attribuido a um castigo de Deus pela sua obstinação em não querer deixar honrar o santo, como era antigo costume na localidade.